

Ser cigano no século XXI em teses e valores dos “mais” velhos do Rancho do Eládio, em Sousa-PB

Being a gypsy in the 21st century in theses and values of the elders at Rancho do Eládio, in Sousa-PB

Gilton Sampaio de Souza¹
Elaine Maria Gomes de Abrantes²
Sueílton Junior Braz de Lima³

Resumo: O artigo traz uma análise argumentativa de discursos de alguns membros de uma comunidade cigana da etnia *Calon*, fixada no município de Sousa/PB. Tem como objetivo analisar as teses e os valores que sustentam essas teses sobre o ser cigano no Século XXI e perceber como construíram identidade em discursos dos “mais velhos” de um dos três ranchos, denominação utilizada por eles para designar suas moradias fixas. O referencial teórico advém da Nova Retórica, desenvolvida por Perelman e Olbrech-Tyteca (2005) e estudos adjacentes. Seguindo orientações metodológicas da História Oral, transcritas em acordo com a metodologia de turnos de fala, proposto por Levinson (1992), o *corpus* analisado é constituído por entrevistas realizadas com o líder e um casal de idosos que habitam o atual Rancho do Eládio, na cidade de Sousa-PB. As análises apontam que os valores mobilizados no topo das hierarquias dos colaboradores da pesquisa, predominantemente, foram honestidade, respeito e aceitação, valores recorrentes na argumentação devido ao estigma que, segundo eles, historicamente sofreram, com intensa presença de preconceito, discriminação e desconfiança.

Palavras-chave: Argumentação. Teses e valores. História Oral. Ciganos de Sousa-PB.

Abstract: The article brings an argumentative analysis of the speeches of some members of a gypsy community of the *Calon* ethnic group, fixed in the municipality of Sousa/PB. It aims to analyze the theses and the values that support these theses about being a gypsy in the 21st Century and to understand how they built identity in the speeches of the “eldest” of one of the three ranches, a term used by them to designate their fixed addresses. The theoretical framework comes from New Rhetoric, developed by Perelman and Olbrech-Tyteca (2005) and adjacent studies. Following the methodological guidelines of Oral History, transcribed according to the methodology of speech shifts, approached by Levinson (1992), the analyzed corpus consists of interviews with the leader and an elderly couple who live in the current Rancho do Eládio, in the city of Sousa-PB. The analyzes point out that the values mobilized at the tops of the hierarchies of the research collaborators, predominantly, were honesty, respect and acceptance, values that are recurrent in the argument due to the stigma that, according to them, historically suffered, with intense presence of prejudice, discrimination and distrust.

Keywords: Argumentation. Theses and values. Oral History. Gypsies of Sousa-PB.

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Línguas Estrangeiras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pau dos Ferros, RN, Brasil. Endereço eletrônico: giltonssouza@gmail.com.

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pau dos Ferros, RN, Brasil. Endereço eletrônico: elamar_pb@hotmail.com.

³ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pau dos Ferros, RN, Brasil. Endereço eletrônico: sueilton-pdf@hotmail.com.

Introdução

Este trabalho tem como foco a análise da argumentação em discursos do chefe e um casal de idosos, todos ciganos e integrantes do *Rancho do Eládio*, localizado em Sousa-PB, mais especificamente discursos que reconstituem suas trajetórias de vida, valores e identidade, analisados sob a égide da Nova Retórica de Perelman e Olbrech-Tyteca (2005), considerando a abordagem metodológica da história oral de Ferreira e Amado (2006) e transcrição de falas de acordo com a metodologia de turnos de fala, proposto por Levinson (1992).

A finalidade mediata é compreender, através dos discursos, como se constitui a identidade cigana no século XXI, utilizando do aporte teórico das identidades pós-modernas traçadas por Hall (2003), Bauman (2009) e Deleuze e Guattari (1995).

Assim, os valores que constituem as teses, uma vez revelados nos discursos dos ciganos entrevistados sobre o cotidiano de suas vidas, vão nos conduzir a um maior entendimento da identidade do ser cigano no século XXI, considerando também as características do território em que resolveram se fixar.

A iniciativa da presente pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), especialmente à linha de pesquisa “Discurso, memória e identidade”. Além disso, a pesquisa também integra o Grupo de Pesquisa Argumentação, identidade, cultura local e sala de aula: estudos sobre processos retórico-argumentativos e ensino da argumentação, em sua Linha “Estudos do discurso e do texto”.

Entre os estudos desenvolvidos no grupo, temos priorizado temáticas que deem visibilidade às vozes marginalizadas da região do semiárido brasileiro, com artigos publicados, dissertações e teses defendidas sobre o ensino da argumentação articulado à cultura dos povos do local. Destacamos aqui os artigos “Discursos e argumentação em memórias que constituem o açude público 25 de Março” (LIMA; SOUZA; PEREIRA; COSTA, 2017) e “O ensino da argumentação articulado à cultura local: o Milagre da Beata Maria de Araújo, no Juazeiro do Norte-CE, no ensino de Português” (SOARES; SOUZA, 2017) que também articulam discursos, argumentação, memória e territórios.

Para este trabalho, as entrevistas foram gravadas, autorizadas e acompanhadas por boa parte da comunidade do Rancho do Eládio, moradia de um dos grupos de ciganos da cidade de Sousa-PB. E, como forma de valorizar e dar visibilidade à história oral dos colaboradores e empoderar sua gente, concordamos em não omitir os nomes e as características pessoais dos colaboradores, que assim deram seu assentimento, de forma oral, no momento inicial da entrevista.

Ressalvado o necessário respeito à integridade dos participantes e à ética na transcrição e análise de seus dizeres, temos que a participação dos entrevistados na pesquisa foi voluntária e compreendeu os ciganos mais idosos do primeiro dos três Ranchos existentes na cidade de Sousa. São eles: a) Eládio, o atual chefe do grupo e mais novo dos três entrevistados, com 78 anos; b) Seu Luíz, o mais idoso da comunidade, de 87 anos; c) Dona Iracema, a esposa de Seu Luíz, de 86 anos de idade.

Ao todo, conseguimos registrar uma hora, doze minutos e quinze segundos de vídeo contendo as entrevistas, que foram transcritas em acordo com a metodologia de turnos de fala, proposto por Levinson (1992) — de perguntas e respostas, que podem ser assim definidos: “enunciados de sentido completo, que podem variar desde enunciados contendo uma palavra, como sim, ou mesmo ahã, até enunciados bem mais longos e sintaticamente complexos”. (PASSUELO; OSTERMANN, 2007, p. 244).

Esses turnos de falas são marcados por números que seguem cada fala, iniciando do número um até o número final da fala daquele colaborador determinado. As perguntas foram abertas e formuladas conforme os assuntos iam surgindo. Embora houvesse pauta prévia de assuntos trazida pelos entrevistadores, em alguns momentos, esta pauta era acrescida por temas relevantes aos colaboradores, os três idosos do Rancho do Eládio.

Além da transcrição, também adotamos uma metodologia para identificar os temas, através das palavras mais citadas nos discursos dos ciganos, resultando nas seguintes palavras que vão indicar os principais valores do grupo a que pertencem os entrevistados: ao todo, a transcrição resultou em 9.936 palavras ditas, entre as quais a palavra “cigano” apareceu 91 vezes. Destacaram-se também a palavra “religião”, que apareceu 67 vezes; a palavra “comunidade” apareceu 50 vezes; a palavra “casa” apareceu 36 vezes; a palavra “pai” apareceu 28 e a palavra “trabalho” apareceu 27, entre outras.

Assim, as duas primeiras palavras mais citadas (cigano e religião) foram selecionadas como temas principais para apresentação dos excertos de análises, entre os quais, as demais palavras também se inserem aleatoriamente, em função da intersecção dos assuntos surgidos nas entrevistas. Desse modo, a temática central a ser analisada é “o ser cigano no século XXI”, que surgiu da necessidade de conhecer melhor o grupo que habita o território de Sousa-PB, há aproximadamente quatro décadas, após terem peregrinado por vários estados do Nordeste do Brasil, mais precisamente pelos sertões do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte.

A organização do artigo é composta por *Introdução*, que compreende a macrovisão do texto e sua temática. Com o título *Os Ciganos e sua cultura*, faremos uma apresentação de breve da trajetória deste povo no mundo e no Brasil. Através do título a *Nova Retórica e a*

noção de argumento, valores e teses, traremos os principais conceitos teóricos. Nas *Análises*, faremos a apresentação e apreciação de excertos escolhidos das falas dos entrevistados. Por último, traremos as *Considerações Finais* e as *Referências*.

Os ciganos e sua cultura

Mediante relatos orais contados pelos ciganos, eles nos transmitiram algumas de suas tradições, costumes e normas de comportamento. Esses mesmos relatos, segundo eles, são repassados aos seus jovens e as suas crianças, para que consigam manter a cultura viva ao longo do tempo. Contrariamente ao que acontece nas sociedades ditas “civilizadas” dos dias atuais, percebemos que os relatos dos mais velhos assumem o protagonismo na memória desse povo. Compreender esse universo discursivo pressupõe respeito à sua oralidade, às suas tradições e, encontra consonância nos procedimentos metodológicos de captação da história oral.

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” (*Geschichte von unten, Geschichte von innen*), atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”. (FERREIRA E AMADO, 2006, p. 4)

Assim, através da história oral, partimos do universo micro, atual e presente geograficamente junto ao pesquisador, para a compreensão do universal, histórico e macro da ciência, no geral. O entendimento do universo local da comunidade cigana aqui estudada só pode ser atingido através do necessário respeito às histórias de vida e uma escuta atenciosa das individualidades de cada um dos entrevistados, para que assim, chegássemos aos valores que constituem a comunidade como um todo.

A origem dos ciganos no mundo, segundo os estudiosos, é controvertida. Comparações linguísticas e antropológicas confirmam a hipótese de que eles seriam provenientes do noroeste da Índia, atual Paquistão, e que de lá se dispersaram pelo mundo. Pereira ([s/d], p. 36) defende que “como povo nômade, a primeira diáspora deles ocorreu ainda em solo indiano. Depois, a segunda diáspora deu-se dentro da Europa”. Esse constante processo de nomadismo passou a ser característica marcante na vida desse povo e um dos traços da identidade cigana mais presentes no imaginário popular.

O local onde foram melhor recebidos foi no País de Gales, lá sedentarizaram-se e se misturaram com a população local, bem como na região da Andaluzia, Espanha, onde tiveram grande influência na cultura local. O primeiro documento oficial que data a chegada desses nômades na Europa é do início do século XV. Boêmios e Sarracenos, assim são chamados nos arquivos das comunas os nômades que aparecem na Europa. (CASTRO, 2011, p. 45)

Ao chegar à Europa, eles criaram o mito de que vinham do Egito. Segundo Teixeira (2008, p. 06): “por diferentes razões ideológicas, eles mesmos contribuíram para a construção de uma mitologia sobre si”. Conforme relatos históricos, na Europa também foram vítimas de grandes genocídios, entre os quais se destacam a inquisição e o nazismo. No Brasil, as pesquisas documentais realizadas por Teixeira (2008) apontaram que tiveram rumos incertos: degredados de Portugal, os que primeiro chegaram ao Brasil se estabeleceram em Pernambuco, na Bahia e Minas Gerais. Hoje, destacam-se dois grandes grupos: o grupo dos *Roma*, no Rio Grande do Sul, e dos *Calons*, no Nordeste. Os *Calons*, cuja língua é o *caló*, hoje é o grupo mais numeroso de todo nosso país.

Os entrevistados desta pesquisa são integrantes da etnia *Calon* (também grafado com “k”, em vez de “c”). Em Sousa, esse segundo grupo foi inicialmente estudado pelo antropólogo Moonen, que ficou residindo entre eles de 1993 a 2011. Conforme o pesquisador relatou e nós mesmos observamos, eles se fixaram na periferia da cidade (na altura do Km 463 da BR-230), no bairro denominado de Jardim Sorrilândia (a 3 km do centro da cidade). No início da fixação foram estimados em 450 pessoas, entretanto, na atualidade, é um povo difícil de quantificar.

O grupo dos *Calons* que se fixou em Sousa-PB foi o que conseguiu não ser expulso das terras do Rio do Peixe, mesmo já tendo vindo em trajetória errante por diversos outros estados da federação brasileira, pois representava ameaça aonde passava. A fixação aconteceu no final da década de 1970 e se deu na cidade de Sousa, no terreno que constituía o Patrimônio da Santa Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Sousa, hoje dividido com a Paróquia Santana, onde o grupo conseguiu encontrar aliados políticos para suas permanências (MOONEN, 1993-2011).

Cumprе esclarecer que o território da cidade de Sousa-PB é regido pelo instituto jurídico da enfiteuse que prevê a divisão do solo em titularidades distintas: o senhorio (composto por paróquias católicas) e o enfiteuta (composto por particulares). Em Sousa-PB e em muitas outras cidades do Brasil e do mundo, o senhorio foi entregue a padroeira de devoção do local, que no caso de Sousa é Nossa Senhora dos Remédios, mais tarde dividido entre as outras paróquias da cidade: Senhora Santana e Bom Jesus. A primeira atualmente administra os terrenos que foram ocupados pelos ciganos, cujo controle iminente pertence ao espólio da família de um dos ex-prefeitos, Gilberto Sarmiento, que em todos esses anos, nunca reivindicou devolução.

A celeuma pela regularidade da porção de terra ocupada por esse povo, outrora nômade, mostra uma situação aberta e atual que fundamenta e demanda uma pesquisa mais aprofundada, que deverá tocar no aspecto da memória da cidade. A presença da Igreja como um terceiro vitalício na relação de propriedade, a valorização imobiliária dos terrenos e as mudanças realizadas na legislação proprietária brasileira pós Constituição Federal de 1988 aumentaram a complexidade da situação de precariedade que se abate sobre eles.

No que diz respeito à identidade dessas pessoas, antes de iniciar as entrevistas, indagávamos se esse povo ainda manteria uma identidade fixa atualmente e se continuava fiel às tradições que os diferenciaram ao longo da história. A identidade nos dias líquidos de hoje, segundo Bauman (2009), é algo a ser criado, não mais herdado como antigamente. Além disso, as pessoas na pós-modernidade tendem a se redefinir infinitamente conforme vão vivendo. As individualidades não são mais homogêneas e as propostas ao longo prazo são vistas com desconfiança. Conforme o autor, identidade, hoje em dia, é um assunto a ser analisado sobre vários pontos de vista.

Hall (2006) divide os sujeitos em dois tipos: o sujeito sociológico que é aquele construído pela interação com os outros indivíduos e que ocupa lugares dentro de uma determinada sociedade e o sujeito pós-moderno que se caracteriza pela fragmentação, não-fixação, desmoronamento de valores antes tidos por imutáveis. No caso dos ciganos de Sousa, perquiríamos se a fixação causou algum prejuízo à identidade desse grupo ou se ele ainda conseguiu manter seus valores, conforme a identificação criada através da relação biológica. Conquanto não sejam mais desenraizados, posto que não estão mais em constante diáspora, resta saber se continuam em descompasso com o espaço social urbano local, possivelmente por portar dissonâncias com os valores sociais de onde habitam. Conforme nos assevera Castro (2011, p. 97): “Do ponto de vista histórico, os estudos sobre ciganos denunciam um processo de constantes choques culturais e de exclusão social”. Se antes, eles viviam em um não-lugar, ao longo desses mais de 40 anos, é possível que tenham desenvolvido uma relação identitária, criando vínculos com Sousa-PB, também conhecida como a “Terra dos Dinossauros”, por conter pegadas desses seres lendários.

Precisamos saber em nossa pesquisa de campo se a relação dos ciganos de Sousa com a cidade de Sousa pode ser analisada apenas a partir do conceito ocidental de fixação, conforme as variáveis de tempo-espço. Ou seja, se eles se conformam no sentido comum, ou se se encontram melhor com o sentido que Deleuze e Guatarri (1995) denominam de *desterritorialização*, quando um povo, mesmo estando em lugar fixo há algum tempo, é nômade no pensamento e na forma como se relaciona com os valores sociais que os cercam.

Nova Retórica e a noção de argumentos, valores e teses

Argumentar é fornecer razões em favor de determinada tese, a fim de ganhar a adesão do auditório. Essas teses não necessitam ter um *status* de verdades absolutas, ao contrário, devem ser verossímeis e oportunas, justas, úteis e favoráveis à situação de vida e às pretensões do orador. Na análise aqui realizada, não buscamos o verdadeiro e o falso sobre os valores que compõem a identidade cigana, mas o plausível, mesmo que não evidente por si. Corresponde à formação social dos entrevistados, ‘os mais velhos do rancho’ e seu líder, na atualidade de suas falas, mesmo buscando no passado algumas reminiscências.

Inicialmente, nossas análises buscarão encontrar as teses referentes ao tema ‘ser cigano’ no século XXI. Para isso, é importante definir o que seria tese: “uma proposição (uma frase) que formula precisamente o que diz o texto” (IDE, 2000, p. 51). Conforme preceitua Souza (2008, p. 62): “Na argumentação, diferentemente da demonstração, o orador deve preocupar-se com o auditório, uma vez que objetiva convencer este da validade de suas teses (*logos*)”. A importância em identificar a tese em cada fala dos colaboradores reside no propósito de que ela “permite uma melhor avaliação crítica do pensamento [...]. Permite especialmente assinalar as eventuais contradições do autor” (IDE, 2000, p. 57). As contradições são bastante comuns nos relatos orais, sobretudo quando estes apresentam uma alta incidência de conotações folclóricas. Nestas, a dimensão do crer e do saber se confundem, conforme esclarecem os autores a seguir.

Lendas, mitos, casos folclóricos são, em geral passíveis de situações que se submetem a variações de estudos que se iniciam em recolhidas orais, depois passam para o escrito e muitas vezes voltam para outros públicos de maneira oral. As chamadas “tradições orais”, quando perdem a condição exclusiva de repetição verbal, se sujeitam às diferentes maneiras de formalização. Desde que o oral passa para o escrito, abala a dinâmica germinal do crer e do saber. (MEIHY; HOLANDA, 2017, p. 94-95)

Por outro lado, a linguagem natural quase sempre está cheia de ambiguidade e vagueza, pois as relações intergrupais determinam cada ponto de vista sobre os fatos e acontecimentos. Como estamos em lugares discursivos diferentes, nossa visão sobre os acontecimentos também se diferencia. Mas quem fala sempre parte de um ponto em comum entre ele e seu auditório, este ponto em comum, segundo Perelman e Olbrech-Tyteca (2005), pode ser um fato, uma suposição, um valor, uma norma ou uma hierarquia de valores.

Fomos buscar, portanto, em categorias da Nova Retórica pontos para nossa análise: os acordos prévios constituídos por valores e suas hierarquias. Sobre os valores, os autores da Nova retórica afirmam, com pesar, que a distinção existente entre essas ‘balizas morais’ foi

muito negligenciada ao longo do tempo. Entre outras divisões, a principal é mesmo a distinção entre os valores abstratos e concretos, porque estes baseiam a pretensão e caracterizam o auditório conforme a hierarquia que se forma sobre suas escolhas.

A argumentação sobre os valores necessita de uma distinção, que julgamos fundamental e foi muito menosprezada, entre valores abstratos, tais como a justiça ou a veracidade, e valores concretos, tais como a França ou a Igreja. O valor concreto é o que se vincula a um ente vivo, a um grupo determinado, a um objeto particular, quando os examinamos em sua unicidade. A valorização do concreto e o valor conferido ao único estão estritamente ligados: desvelar o caráter único de alguma coisa é valorizá-la pelo próprio fato. (PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 2005, p. 87)

Nem sempre a distinção é fácil, posto que os valores concretos podem ser utilizados para fundar os abstratos, e vice-versa. Para esse trabalho, observar a hierarquização dos valores é importante porque através desta os colaboradores demonstram as escolhas que fizeram diante do que lhes é importante na vida, bem como se buscam mudanças ou conservação do estado das coisas.

Como não temos acesso direto à realidade de grupos fechados, como é o dos ciganos, o caminho é fazer essa realidade ser mediada pela linguagem, que não é neutra, mas povoada dos valores e das pretensões. A resposta às nossas indagações demanda uma compreensão da seleção e hierarquização de posicionamentos. O equilíbrio entre pontos de vista diversos concerne em conseguir oferecer espaço para que a fala possa despertar a credibilidade em quem ouve, ou seja, corresponde ao orador ter suas palavras consideradas pelo auditório, criando empatia com este. O processo certamente fica completo quando o orador consegue, através das palavras, atingir não só o intelecto, mas também a adesão do auditório.

Teses e valores que compõem a identidade do ser cigano no século XXI

Neste tópico, analisamos os valores que mobilizam as teses sobre o ser cigano no Século XXI defendidas nos discursos dos entrevistados da comunidade Rancho do Eládio. Para as análises, selecionamos nove excertos que se compõem de trechos das entrevistas realizadas no domingo, dia 22 de outubro de 2017, no município de Sousa-PB, com três dos ciganos “mais velhos” do Rancho, a saber: Seu Luis da Costa, Seu Eládio e Dona Iracema os quais tratamos aqui, também, como oradores. Inicialmente interpretamos qual tese é revelada em cada excerto e quais recursos de presença garantem eloquência às histórias narradas e, assim, propiciam maior adesão do auditório. Em seguida, identificamos os valores que os ciganos “mais velhos” mobilizam a fim de sensibilizar o auditório. O primeiro excerto, é um trecho da fala de

apresentação de Seu Luiz da Costa, de 87 anos, que conta sobre as dificuldades enfrentadas na peregrinação até encontrar um local fixo para moradia.

Excerto 1

Por que, vossa excelência, contar a vida de cigano... Nós quando chegava nas cidades, nós era expulso, nós era expulso, era um povo expulso. Botava os ciganos para fora, quando dava fê chegava a polícia: “eu não quero cigano aqui não”. Ai nós ia para Manel (aponta com a mão em direção ao local), lá onde mora... Onde dono Ademar, a Mãe dele, o Pai dele, tudinho gostava de cigano, ali. Nós se acabamos de se criar ali. É uma pessoa ótima para mim (referindo-se a Seu Ademar), considero ele como um filho (faz gesto com as mãos), uma pessoa de bem, uma pessoa de bem, quero bem a ele, qualquer coisa o que ele precisar de mim, eu tô com ele e aqui em Sousa todo mundo me conhece, sabe que eu sou homem direito, só gosto do direito.

No excerto, Seu Luiz, membro mais velho da comunidade cigana, apresenta a tese de que mesmo sendo um “homem direito”, ou seja, honesto, responsável e grato, era expulso das cidades só por ser cigano, pela estigmatização do ser cigano. Essa tese é revelada quando o orador relata sobre como os ciganos eram expulsos das cidades e como conseguiram se fixar no município de Sousa. Como podemos perceber, o orador relata que repentinamente eram abordados pela polícia nas cidades, eram colocados “pra fora” e a polícia não os queriam ali. Assim, ao serem abordados na cidade de Sousa, conseguiram “se criar” onde “pessoas de bem” gostavam de ciganos, isto é, fixaram-se nas propriedades de “Ademar” que, no relato de Seu Luiz, era uma pessoa que gostava de ajudar os ciganos, segundo o orador “uma pessoa de bem”.

Nesse trecho, notamos que o orador utiliza Ademar como um recurso de presença, com o intuito de dar visibilidade a aceitação dos ciganos, mesmo que por uma pequena parte da sociedade e, assim, convencer o auditório de que os ciganos eram pessoas em quem se podia confiar. Dessa forma, Seu Luiz ilustra sua tese enfatizando a confiança depositada por Ademar e sua família na comunidade cigana e que, como retribuição, seu Luís tinha gratidão e que sempre estaria disposto a retribuir pelo apoio, quando diz “quero bem a ele, qualquer coisa o que ele precisar de mim, eu tô com ele”. Além disso, em contrapartida a essa aceitação por algumas pessoas, Seu Luiz também expõe a rejeição sofrida, ao utilizar como recurso de presença a polícia como forma de ilustrar e dar visibilidade a não aceitação do cigano por parte do poder público que, na fala do orador, é representada pela figura do policial.

Dessa forma, com a intenção de ganhar adesão do auditório à história relatada e (re)hierarquizar os valores estigmatizados, o orador mobiliza valores como honestidade, lealdade e gratidão. Ao relatar que é “um homem direito” e que gosta de “coisa direita”, Seu Luiz pretende romper com o estigma do cigano como ludibriador, falso e mentiroso. Para sustentar esse valor, o orador diz que “todo mundo em Sousa” o conhece, como forma de ilustrar que seu histórico de vida conhecido na cidade não contempla práticas que se opõe ao que ele

defende, não dando margem para que o auditório raciocine pelo oposto. Seguindo a defesa de sua honestidade, Seu Luiz ainda mobiliza o valor de lealdade quando diz “querer bem” e que “qualquer coisa o que ele (Ademar) precisar de mim, eu tô com ele”, como forma de gratidão à ajuda que Ademar e sua família deram à comunidade cigana. Para o orador, o valor da gratidão é tão significativa que ele diz considerar Ademar como um filho, alguém íntimo pelo qual o orador tem grande apresso, atenção e cuidado.

Para desconstruir a discriminação sofrida ao longo da história, é nítido como o orador recorre a teses que defendem a idoneidade do cigano, sempre ilustrando com histórias bíblicas e memórias coletivas, como podemos ver no que segue.

Excerto 2

[...] a gente chegava naquelas propriedades, ali a gente colocava criação no meio, aí as ciganas saíam pelas casas. O povo davam galinha, davam feijão, ajudava a gente. Eram ciganos honestos, nós não viviam do mal não! Agora, toda a vida cigano é discriminado. Os ciganos eram da Palestina, são filhos do Egito, aí eles... a cigana Esmeralda, Ana, eram irmãs, Maria que era cigana, a mulher de Abraão, Abraão era cigano. Aí, de lá houve essa perseguição, os ciganos acompanhava Jesus na montanha, quando Jesus estava... aí os ciganos chegavam, “quem são vocês?” Nós somos os ciganos, queremos lhe acompanhar.

O relato acima, apresentado por Seu Luiz, apoia a tese do excerto 1, pois revela que apesar de honestos e de terem uma relação estreita com as narrativas cristãs, os ciganos historicamente foram discriminados na sociedade. Como vemos, para sustentar sua tese, o orador diz que, ao chegarem nas propriedades, traziam suas criações de animais e as ciganas saíam nas ruas recebendo doações (“daquelas pessoas boas”), o que deixa subentendido que tudo o que consumiam era ou de produção própria ou de doações de populares e não da posse indevida dos pertences de outros. Em seguida, Seu Luiz relata que o povo cigano tem sua história entrelaçada pelas narrativas cristãs, ao apontar que Esmeralda, Ana e Maria, mulher de Abraão, eram ciganas que acompanhavam Jesus Cristo e que, por isso, eram ciganos honestos e não “viviam do mal”.

Ao relatar isso, o orador faz uso de ilustrações para dar visibilidade a sua tese e dar lugar de destaque ao valor de honestidade. A princípio, Seu Luiz utiliza das doações feitas por “pessoas de bem” como um recurso de presença, já que ao trazer algo da memória coletiva e do senso comum, neste caso, o fato dos ciganos saírem às casa pedindo, o orador está especificando maiores detalhes dos fatos, o que pode proporcionar maior credibilidade à tese apresentada.

O orador ainda faz uso de outro recurso de presença, dessa vez, utiliza-se das narrativas cristãs para deixar visível ao auditório que os ciganos são pessoas do bem, por terem feito parte das histórias bíblicas, visto que, numa região de religiosidade pautada, em sua grande maioria, no cristianismo, caminhar com Jesus Cristo, homem honesto, bom, que ajudou muitas pessoas

por onde passou e foi assassinado injustamente — segundo as narrativas bíblicas —, é sinônimo de comungar dessa essência. Seu Luiz, desse modo, pretende atrelar à vida do cigano com a vida de Jesus, deixando claro para o auditório que não há motivos para a desconfiança do seu povo que compartilha sua história com a história do Rei dos judeus.

Ao fazer uso desses recursos de presença, o orador recorre à valores como honestidade e religiosidade cristã. Quando Seu Luiz relata que ao chegarem nas localidades, traziam consigo criações, ou seja, criações de animais para o abate e consumo alimentício do grupo, e que “saíam pelas casas” pedindo ajuda, ele mobiliza no seu discurso o valor de honestidade, uma vez que cultivar/criar o seu próprio alimento e pedir ajuda em detrimento de furtar/roubar é sinônimo de honestidade e que os ciganos têm. O valor de religiosidade cristã é usado para sustentar o valor de honestidade no topo da hierarquia, já que, quando seu Luiz recorre a estabelecer laços entre os ciganos e Jesus Cristo, ele quer deixar visível ao auditório que um povo que acompanhava Jesus e seguia a religiosidade cristã, não poderia ter, se não, a imagem e semelhança da vida de cristo. Para um auditório cristão, esse valor assume grande representatividade em sua hierarquia de valores.

Além de narrar sobre a religiosidade e a aproximação da comunidade cigana com a fé cristã, Seu Luiz conversa sobre como se davam os processos de matrimônio entre o seu povo, e o esforço que os pais faziam para que os matrimônios permanecessem dentro da comunidade. Sobre esse tema, vejamos o seguinte trecho:

Excerto 3

Os ciganos não namoravam não, quem fazia os casamentos era os pai e a mãe. Porque a minha mulher, a mãe dela era prima da minha mãe. O pai dela era primo do meu pai e primo de minha mãe, meu pai era primo de minha mãe. Tudo primo carnal. Ai eles chegavam e diziam, “vem cá”, a minha mãe chegava e minha vó dizia, que era minha e o velho meu sogro, “comadre vamos casar Luiz”, eu casei com a minha mulher, vamos casar Luiz com Maria? “vamos”. Casava e... até hoje.

No excerto, no qual seu Luiz conta como os ciganos concebiam as uniões matrimoniais dentro da comunidade, podemos perceber a preocupação em que os mais velhos (os pais) tinham em querer casar os filhos entre eles, nem que para isso, eles tivessem que casar com membros da própria família. Com essa narrativa, podemos ver que a tese pretendida pelo o orador é a de que era importante manter o respeito às tradições culturais dos ciganos.

É possível notar ainda que, a tradição do casamento arranjado é narrada pelo Senhor Luiz como característica de sua gente: o namoro é tido por irrelevante e os enlaces eram negociados pelos pais, entre os parentes mais próximos, antes mesmo que os jovens alcançassem a maturidade, de forma a não poderem se opor à vontade dos seus genitores. Desse modo, Seu Luiz recorre ao recurso de presença por ilustração e pelo exemplo, uma vez que

ilustra a sua tese colocando-se como exemplo, quando narra sobre seus próprios pais, quando “arranjaram” o seu casamento com sua atual esposa, Dona Maria”. Como valores, observamos que o orador mobiliza a obediência aos costumes e aos preceitos dos antepassados, já que, nas palavras de Seu Luiz, os seus pais eram os responsáveis por decidirem com quem casaria e isso não era questionado tanto por respeito aos pais como por respeito à tradição cigana. Esse tipo de união conjugal parece facilitar a manutenção dos laços familiares, de procriação e culturais entre eles mesmos, permitindo a conservação da comunidade cigana, para evitar rebelião e fuga dos mais novos para outros ideais, tais como paixões e outras afinidades.

Para dar continuidade aos objetivos propostos neste artigo, passamos agora a analisar o discurso de Seu Eládio, Chefe do Rancho, de 78 anos, o menos idoso dos três entrevistados, e que deu, na qualidade de líder do grupo, a principal autorização para realização das entrevistas. Notamos que os relatos de Seu Eládio seguem uma linha de discussão mais voltada para os dias de hoje, como podemos ver no próximo excerto.

Excerto 4

Hoje... hoje, o cigano pede. Porque tem alguns que tem gado e sua aposentadoria, tem uns que não tem, uns é vendendo relógio aí nas ruas, eles mesmos sabem que tem (aponta para quem está por trás da câmera) de dez a doze ciganos vendendo relógio, vende aqueles... Vende rádio. Outros vendem... Outros pedem no meio da rua... pra comer.

No relato apresentado por Sr. Eládio, notamos a defesa da tese de que hoje alguns ciganos continuam sendo pedintes enquanto outros já adquiriram alternativas para o seu sustento. Essa tese fica evidente quando o orador apresenta vários ciganos que deixaram de pedir devido a criação de gado, venda de produtos como relógio e aparelhos de rádio, e, até mesmo, devido a aposentadoria.

Com essa fala, o chefe Eládio pretende passar para o auditório a tese de que o cigano pede esmola quando não há outros meios para conseguir seu sustento. Dessa forma, Sr. Eládio tenta deixar claro que o cigano é pedinte e não ladrão, como disseminado socialmente. É uma característica fundante do cigano acreditar na solidariedade humana e buscar ajuda quando lhe faltam outros meios de sustento. Para viabilizar maior adesão a sua tese, Seu Eládio utiliza de recursos para melhor ilustrar suas palavras. Ao relatar que alguns ciganos têm criação de animais e outros vendem mercadorias, o orador traça exemplos que visam tornar o discurso mais esclarecido para o auditório, fazendo com que sua fala se torne convincente, ao tentar aproximar-se da realidade vivida pelo auditório.

Ao ilustrar seu relato com os exemplos dos ciganos que criam animais e com os ciganos vendedores de mercadorias, seu Eládio exprime valores que tendem a se entrelaçar com os

valores do auditório, o que, torna nítida a capacidade persuasiva do orador ao tentar construir sentidos para aceitação de sua/s tese/s. Os valores mobilizados no excerto em questão, são os valores da ascensão do cigano e do trabalho, a primeira configurada quando o cigano deixa de pedir para trabalhar. Mas, sobre o valor de pedir honestamente, quando o orador cita que alguns ciganos não têm o que comer, tenta deixar claro que alguns ciganos não têm outros meios de sustento se não buscar ajuda “pedindo no meio da rua”.

Percebemos que o valor da ascensão social/trabalho do cigano se encontra no topo da hierarquia, seguida do valor de pedir honestamente. Seu Eládio deixa clara sua hierarquia de valores ao colocar a ascensão social/trabalho como algo que emancipa o cigano. O ato de pedir tem importância apenas quando o cigano não encontra outros meios de sustento e de emancipação, deixando claro a tentativa de rompimento com o estigma de que o cigano não gosta de trabalhar. Ainda no excerto, Seu Eládio mobiliza o ato de pedir como um valor de honestidade, já que mesmo sem outros meios legais de sustento, os ciganos pedem ajuda ao invés de tentarem meios de sustento nocivos à sociedade. Ficou claro através deste excerto a necessidade do orador de defender a honra e a honestidade do povo cigano.

Na próxima fala, Seu Eládio, líder dos ciganos, segue defendendo a honra e a honestidade de seu povo ao dizer que candidatos, em época de campanha eleitoral, chegam na comunidade com propostas escusas, atijando ainda mais o preconceito contra os ciganos, como podemos ver no seguinte excerto.

Excerto 5

E os candidatos chegam aqui dentro e arrumam votos. Porque quando o cigano vota mesmo de coração mesmo, aí pode chegar dinheiro, “não quero não” ele vai para aquele candidato [...] o outro pode dá o dinheiro que ele quiser mais ele vai para aquele. Mas, ele não tem essa consciência de tirar essa discriminação de cigano. Que nós ainda temos muito discriminação, ainda tem muita discriminação do cigano.

No excerto acima, o orador defende a tese de que o cigano não é corrupto, mesmo assim é discriminado e seus representantes políticos nada fazem para desfazer essa discriminação. Isso fica explícito quando Seu Eládio diz que muitos candidatos no período de campanha eleitoral vão à comunidade em busca de votos. Ele destaca que muitos desses políticos oferecem dinheiro em troca de votos de alguns ciganos. No entanto, os ciganos rejeitam votar em quem propõe compra de votos, já que, nas palavras do orador Eládio, o “cigano vota mesmo de coração”, uma alusão clara à lealdade e honestidade dos ciganos àqueles que lhes são gratos.

Para sustentar essa tese, corroborando às chances de maior adesão por parte do auditório, o orador utiliza como recurso de presença a ilustração do “voto por amor” tão comum nas eleições polarizadas que se perpetuam em cidades com pouca população, nas quais os

candidatos mantêm vínculos afetivos e de proximidade com a população/eleitorado. “O voto por amor” é uma prática muito comum na história, e acontece quando o eleitor e sua família são gratos eternamente ao candidato que lhes prestou algum tipo de favor/ajuda. Isso faz certos candidatos ter preferência de voto independentemente de partido e ideologia que seguem. Utilizando-se desse recurso de presença, Seu Eládio deixa o auditório ciente, por ser um auditório local e que conhece essa realidade, do que se trata o “voto por amor” e confere maior afinidade com a tese que apresentou.

De acordo com essa ilustração, podemos perceber que alguns valores são emanados e passam a se relacionar com a hierarquia de valores do auditório. O orador recorre aos valores de *honestidade, gratidão e justiça* quando ilustra com a tese de que cigano tem o “voto de coração”. Ao se referir aos ciganos como um povo que vota com o coração, Seu Eládio mobiliza o valor da gratidão àqueles a que lhes são gratos e que nem por dinheiro se rendem aos outros candidatos, ou seja, os ciganos, nas palavras do orador, é um povo fiel às suas convicções e que passam a ter lealdade às pessoas que lhes fizeram bem.

Dessa forma, quando o orador diz que nem por dinheiro os ciganos mudam suas convicções de voto, o orador mobiliza o valor de honestidade, que é um valor de essência. Mesmo assim, segundo o orador, os candidatos quando eleitos nada fazem para quebrar com o preconceito que é imputado aos ciganos. Assim, ao relatar isso, Seu Eládio mobiliza no topo da hierarquia o valor da justiça, uma vez que o sentimento de injustiça é sentido na falta de reconhecimento da honestidade de seu povo, mesmo que os candidatos saibam que eles não vendem seus votos. Com intuito de continuar a defender a comunidade cigana, Seu Eládio, assim como Seu Luiz, faz a aproximação das características de seu povo com os valores divinos, como podemos ver no excerto seguinte:

Excerto 6

O nosso idioma é uma coisa que veio dada por Deus tanto de um cigano, tanto faz eu aqui saber, como os ciganos, sendo cigano se ele estiver em Brasília ele sabe o mesmo nosso idioma.

No excerto acima, podemos perceber que a tese revelada por Seu Eládio é de que o idioma cigano é uma dádiva divina, um verdadeiro presente dado ao seu povo. Podemos notar isso quando o orador diz “nosso idioma é uma coisa que veio de Deus”, o que nos mostra uma aproximação entre os valores ciganos e a fé na presença divina. Através desta fala, podemos ver a importância que o orador acentua à linguagem utilizada por seu povo. O dialeto *Kaló*, o qual ele chama “idioma”, é retratado aqui como uma das principais marcas dos ciganos,

passando a ideia de que é um traço que os torna reconhecidamente iguais, onde quer que estejam. É um valor que os acompanha, mesmo em longínquas distâncias.

Para melhor esclarecer sua tese, Seu Eládio recorre aqui aos recursos de presença. O orador apresenta ilustrações que torna a tese mais atrativa à atenção do auditório, como podemos ver quando ele usa a aproximação entre o fato do idioma, ao ser utilizado, em qualquer lugar que seja, tornar reconhecido quem o utiliza como irmão, uma verdadeira dádiva que os une como ciganos, algo realmente dado por Deus para eles. Com essa fala, Seu Eládio recorre à fé para entrelaçar seus valores com os valores do auditório. Ao argumentar nesse sentido, o orador mobiliza o valor da fé em Deus ao topo da hierarquia, o que permite que o auditório aproxime este valor à essência da comunidade cigana, viabilizando maior notoriedade à tese para conferir-lhe uma maior adesão. A fé em Deus ou a religiosidade cristã é um valor que possivelmente seja comum ao auditório da região que eles conseguiram se fixar, bem como pode ser comum a boa parte do auditório que o orador projeta como particular, possibilitando uma probabilidade maior de adesão à tese apresentada por Seu Eládio de que os ciganos são um povo privilegiado por Deus.

Assim, notamos que Seu Eládio a todo momento mobiliza valores que partem do lugar de essência, com o intuito de construir no raciocínio do auditório a imagem cigana como sendo um povo bom. Mas que é um povo mal interpretado pela sociedade que, também por isso, é vítima de injustiças. Em continuidade, Dona Iracema, a segunda cigana mais velha do Rancho, empreende suas teses sobre o tema religião.

Excerto 7

Eu leio a mão, eu [...] baralho, eu rezo nas pessoas, eu tenho oração boa (faz gesto com a mão), que nem os padres sabe essa oração, e eu vou dizer ela aqui para o Senhor ouvir [...], aí eu rezo minhas orações, recomendo a Deus. As orações que eu aprendi foi com minha mãe e meu pai, agora eu mandei pra São Paulo essas orações [...] vou dizer: “Foi no dia de uma quinta-feira santa (levanta as mãos), que foi preso um manso cordeiro, Que foi levado de [...] reis, heróis, [...] Foi quando meu bom Jesus se cravou numa cruz (levanta as mãos mais alto) Tremeu o [...], tremeu o sol, tremeu a lua, Tremeu as estrelas, mas não tremeu o coração De Nossa Mãe Maria Santíssima, assim tremerá os corações de nossos inimigos [...] que os olhos não nos veja, que a boca não nos cale ((barulho)) [...] Mas, seus discípulos, seus inimigos chegaram e disseram [...] é Jesus de Nazaré [...] mas seja vencedor dele e ele não vencedor de nós Com Deus na frente, paz na guia, luz divina [...] Jesus, Maria e José, desterre todo o mal que tiver na nossa comunidade E essas pessoas que vieram aqui sejam felizes de hoje em diante [...] em nome do pai, do filho e do espírito santo.

Nessa fala, Dona Iracema menciona a atividade da quiromancia, do corte de baralho e das rezas realizadas nas pessoas, dando a conhecer o sincretismo religioso de seu povo, cheio de práticas diferenciadas que trabalham a superstição e a previsão de futuro. Finaliza com uma oração que lembra a Paixão de Cristo e serve para agradar o auditório e fundar a tese de que seu povo é orante e participante da história do cristianismo ocidental, numa mistura entre

práticas da fé tradicional e outras que lhe são totalmente contrárias ou tidas como pagãs (misticismo).

Através da prece realizada em favor dos que estavam fazendo as entrevistas, a oradora, faz a invocação de divindades católicas, manejando seus recursos de presença para tornar o discurso mais atrativo e os ouvintes mais dóceis. Com isto, faz ver o valor que dá as crenças e ao misticismo, numa verdadeira junção de credos, posto que invoca ícones cristãos ao lado da valorização dos poderes sobrenaturais de adivinhação. Utilizando-se do sincretismo, a oradora liga o povo cigano aos valores tradicionais do cristianismo, provavelmente na tentativa de fugir da discriminação de ser um “povo herege”, que sempre pairou sobre os integrantes de sua etnia. Entretanto, não quer abrir mão do encanto, preferindo misturar a fé tradicional com as práticas especiais de esoterismo. Na fala seguinte, Dona Iracema continua tratando de episódios ligados a fé, associando-a com a origem de seu idioma.

Excerto 8

Isso aí foi feito na época que estavam fazendo a Torre de Babel, para, para pedir o céu, o rei estava fazendo. Aí Jesus foi e deu esse idioma aos ciganos, é lindo o que nós falamos, é lindo o que Deus (nos) deu. Quando ia subindo ia subindo, aí de lá ((levanta os braços)) [...] os Reis tinham ódio, porque os ciganos acompanhavam Jesus, um povo [...] um povo da mãe de Deus.

Desta feita, Dona Iracema traz à tona outra mitologia sobre a origem da língua de seu povo, ligando-os aos antepassados bíblicos, com ênfase na distribuição das línguas entre os diferentes povos, da Torre de Babel, por obra do Sagrado. O relato de Dona Iracema junta dois episódios muito distantes no tempo, mesmo no tempo bíblico: o castigo da confusão das línguas e a presença de Jesus no mundo. Embora, teoricamente, sejam acontecimentos muito distantes, a oradora os junta como sendo subsequentes e igualmente expressivos da importância da presença dos ciganos na história da humanidade. O recurso de presença reside na citação sobre o ódio que a figura de Jesus inspirava nos poderosos deste mundo, à semelhança do que acontece com os ciganos. Sua versão dos fatos é que o próprio Jesus era também cigano e igualmente odiado pelos governantes da terra.

Não são só as semelhanças com a trajetória do Jesus bíblico que se fazem presentes no discurso da cigana mais antiga daquele Rancho, como também a divergência das consequências dos acontecimentos dispostos no Livro Sagrado: a confusão das línguas, que sempre foi tida como “castigo” para os demais povos do mundo, para os ciganos representa benção. A língua dos ciganos, segundo transparece em sua fala, foi a prova divina do amor de Deus por eles, um diferencial que os une para sempre. Essa fala aponta que, não obstante toda exclusão que

sofrem, os ciganos são orgulhosos de sua etnia, dos traços que os diferenciam do restante da humanidade.

Excerto 9

É, [...] (uma barraca) aqui debaixo desse pau, aí estava sofrendo para descansar, aí arrodeava ((aponta para uma casa)) aí passava uns panos [...] ali mesmo desancava, aí ia tomar banho, trocar de roupa, pronto. [na hora que tomava banho] aí acabou-se o resguardo. [oração de nossa senhora do bom parto] comia pato, corimatan, guiné.

Essa fala retrata a forma como as mulheres do Rancho “Dão a Luz”. Segundo a oradora, isso acontece embaixo de uma árvore (pau), geralmente acocada (desancava) e rodeada por outras mulheres em oração. Um acontecimento que, para a maioria das mulheres, é tão delicado, como o nascimento de um filho, é descrito pela oradora como algo banal e essa banalidade funciona no discurso como o recurso de presença, por ter a capacidade de provocar espanto e curiosidade no auditório. A tese aqui presente é que o período de resguardo, assim como qualquer outra situação da vida de um cigano, deve ser encarado com naturalidade, como algo que deve receber apenas o auxílio dos mais próximos e da fé, do sobrenatural, da proteção divina. Daí, os principais valores que aqui se sobressaem é a união e a fé.

A união que junta as mulheres do Rancho em auxílio moral e espiritual. A fé que torna a oração do bom parto, além de um banho, como as únicas providências necessárias ao fim do resguardo. Ao falar dessa forma, fazendo pouco caso dos eventos que cercam o nascimento dos bebês, a oradora contraria a sabedoria popular que manda as mulheres se absterem de comer certas comidas durante esse período. Com isso, a oradora deixa claro que as mulheres ciganas não possuem nenhuma convenção: comem qualquer comida nesse período, inclusive as tidas como menos indicadas, por serem inflamatórias ou “carregadas”.

Considerações finais

De tudo que foi discutido e analisado aqui, percebemos que os *Kalons* (ou *Calons*) que se fixaram em Sousa falam de uma dupla experiência: do tempo que viviam em andanças e do tempo em que permanecem fixados. Na composição dos relatos dos mais antigos ciganos do Rancho do Eládio, na cidade de Sousa-PB, as narrativas entrecruzam os tempos e são remetidas do presente para o passado e para um passado mitológico, que fazem ligação com fragmentos bíblicos como o relato da torre de babel, da migração de Abraão e sua família para a terra prometida e do encontro de Jesus com as multidões.

Conforme observamos, é necessário procurar conhecer os ciganos dentro de seu contexto de grupo, pois as principais condicionantes que identificam essa gente encontram-se

no imaginário coletivo. Assim, os traços de cultura e personalidade dos ciganos, como a linguagem e o sincretismo religioso, transparecem primeiramente no coletivo e só após se projeta no indivíduo, isoladamente considerado. As representações ilusórias, fantasiosas, utópicas e anormais, que conseguimos captar através de entrevista livre, traduzem fragmentos narrativos marginais, composto por narrativas de vida, de costumes, família, cultura e língua, em consonância com os princípios da história oral.

Dessa forma, o enredo de cada um dos colaboradores girou em torno das práticas, gostos e costumes de seu povo, contextualizando formas de identificação que se realizaram no movimento, na experiência das andanças e agora vive nas lembranças dos mais antigos. Divididos em três ranchos, inferiorizados por seus modos e costumes, tomados como seres que oscilam entre vagabundagem e mendicância, eles exprimem valores que buscam se igualar aos da população comum, como honestidade e trabalho. Em termos de fé, eles trazem referências dúbias, utilizando verdadeiro sincretismo de crenças e superposições de imagens que incluem os ciganos nas narrativas bíblicas. Através das palavras desses três idosos, constatamos que a trajetória histórica de lutas e perseguições desse povo se faz presente até os dias atuais, tendo a língua como o traço que mais os identifica como grupo, esta que, embora recebida no passado, segue guardada para o futuro, mesmo sofrendo modificações no presente.

Com base na história oral, os discursos que se revelam nas narrativas giraram em torno de valores como amizade, proteção, gratidão e lealdade pelas pessoas que os acolhiam e ajudavam, a honestidade em contraposição a discriminação em que ainda vivem, a obediência aos costumes e tradições, o sincretismo religioso, o poder da oração e o orgulho de sua etnia que despreza convencionalismos. A hierarquia de valores mais recorrentes nos discursos orais analisados e que nos ajudaram a compreender a identidade desse povo, que deixou de ser nômade há quase quatro décadas, é marcada pelo paradoxo de ainda não ser aceito na cidade onde se fixou. Podemos perceber na construção discursiva de todos eles a evidente busca pelo reconhecimento do seu povo cigano como um povo honesto, ao mesmo tempo em que notamos as marcas de revolta que permeiam os discursos quando expressam o estigma que historicamente recebem.

Os discursos ciganos analisados ainda nos levam a crer na vontade que os ciganos têm, em pleno século XXI, de combater os estereótipos, uma vez que, mesmo ainda vivendo em grupo e afastados da cidade, não se absterem de relatar suas histórias e seus modos de vida na sociedade. Como podemos notar, as teses defendidas por todos eles sempre são pautadas na defesa da honra e idoneidade do povo cigano, utilizando de recursos de presença partindo de premissas e ilustrações que fazem parte do senso comum e da religiosidade do auditório,

induzindo este a se sentir mais próximo da realidade cigana, o que possibilita maior adesão às teses.

Portanto, o que se observa é que a narrativa cigana utilizada pelos colaboradores apresenta um discurso argumentativo, pelo qual eles trazem não apenas memórias, mas muitos dos valores de sua própria história, o que possibilita os interlocutores entenderem o quanto a comunidade cigana é vítima também de estigma e preconceito. Os ciganos, oradores nesta pesquisa, a todo momento se esforçam, em seus discursos, para explicar ao povo não-cigano que somos todos iguais e que os motivos que os levaram à diáspora são os mesmos que os fazem ainda hoje ser pedintes, ou seja, o fato de nem sempre serem vistos como cidadãos e não terem alternativas que garantam os seus sustentos.

Referências

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CASTRO, D. S. **O olhar de si e o olhar dos outros**: um itinerário através das tradições e da identidade cigana. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FERRARI, F. **Um olhar oblíquo**: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2002.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IDE, P. **A arte de pensar**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LIMA, S. J. B.; SOUZA, G. S.; PEREIRA, L. S.; COSTA, R. L. Discursos e argumentação em memórias que constituem o açude público 25 de Março. **Diálogo das Letras**, v. 6, p. 264-283, 2017.

LEVINSON, S. Activity types and language. In: DREW, P.; HERITAGE, J. (Orgs.). **Talk at work**: interactions and institutional settings. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 1992. p. 66-100.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MOONEN, F. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba**. 1993 – 2011. 2011. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf, [s/d]. Acesso em: 01 de setembro de 2019

PASSUELO, C. B.; OSTERMANN, A. C. Aplicação da análise da conversa etnometodológica em entrevista de seleção: considerações sobre o gerenciamento de impressões. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 234-251, 2007.

PEREIRA, C. C. **Ciganos**: a oralidade como defesa de uma minoria étnica. In: http://www.lacult.org/docc/oralidad_04_34-39-ciganos-a-oralidade.pdf, [s/d]. Acesso em: 17 de setembro de 2019.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a Nova Retórica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOARES, P. C. F.; SOUZA, G. S. O ensino da argumentação articulado à cultura local: o Milagre da Beata Maria de Araújo, no Juazeiro do Norte-CE, no ensino de Português. **Linguagens e letramentos**, v. 2, p. 50-74, 2017.

SOUZA, G. S. Argumentação no discurso: questões conceituais. In: FREITAS, A. C.; RODRIGUES, L. O.; SAMPAIO, M. L. P. (Orgs.). **Linguagem, discurso e cultura**: múltiplos objetos e abordagens. Pau dos Ferros: Queima Bucha, 2008.

TEIXEIRA, R. C. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

Sobre os autores

Gilton Sampaio de Souza ([Orcid iD](#))

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), com estágio pós-doutoral na Université Paris 8; mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); graduado em Letras e especialista em Didática do Ensino Superior pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É professor do Departamento de Línguas Estrangeiras, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN.

Elaine Maria Gomes de Abrantes ([Orcid iD](#))

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); mestra em Gestão Pública pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e especialista em Gestão e Administração Pública pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É servidora do Tribunal de Justiça da Paraíba.

Sueílton Junior Braz de Lima ([Orcid iD](#))

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); mestre em Letras pela UERN; graduado em Letras - Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas pela mesma instituição. É professor da Escola de Educação, da Universidade Potiguar (UNP).

Recebido em março de 2020.

Aprovado em abril de 2020.